



The Classics in Modernist Translation, de Miranda Hickman e Lynn Kozak

Ana Carolina Carvalho Monaco da Silva

Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1116-4193>

E-mail: anaccnina@gmail.com

Situado na interseção entre os estudos dos clássicos e do modernismo anglófono, *The Classics in Modernist Translation* traz novas percepções sobre a relação de escritores modernistas do início do século XX com a literatura greco-romana, cuja recepção foi essencial para o modernismo e trouxe recursos vitais a suas ideias inovadoras. Explorando autores como Ezra Pound, H.D. (Hilda Doolittle), T.S. Eliot, James Joyce, Laura Riding e W.B. Yeats, e destacando seu envolvimento com clássicos como Homero, Eurípides, Aristófanes e Sófocles, a obra busca definir e ampliar o conhecimento sobre os estudos dos “modernismos clássicos”.

O conceito central da obra é a tradução, não somente recebendo (in)formação de textos traduzidos de outras línguas, mas como modo de produção literária original. Neste volume, o conceito de tradução engloba várias formas de recepção: apropriação, adaptação, intervenção e reconfiguração, movendo o trabalho tradutório do literal para o mais livre.

O primeiro texto aborda a *Poets' Translation Series*. Em seguida, a obra se divide por autor e ênfase: três artigos sobre Pound; quatro artigos sobre H.D.; quatro artigos sobre Riding, Joyce, Eliot e Yeats; um estudo sobre a relação dos modernistas com clássicos na escola e museu. Em uma proposta de diálogo, cada parte tem um ensaio-resposta. O posfácio identifica a mediação dos materiais clássicos na literatura subsequente.

Em “Seeking Buried Beauty: The Poets' Translation Series”, Elizabeth Vandiver introduz a *Poets' Translation Series (PTS)*, organizada por Richard Aldington e H.D. Traduzindo poesia e prosa grega e latina, a PTS foi um manifesto poético, refletindo ideais modernistas em uma nova abordagem tradutória. Os tradutores foram unidos pela aderência ao Imagismo, e depois pela habilidade de traduzir do grego ou latim.

A Parte I (“Ezra Pound on Translation”) traz “Out of Homer: Greek in Pound's Cantos”, de George Varsos, notando como Pound reformula fragmentos de Homero para criar uma nova poética. A tradução poundiana evoca padrões de incerteza intelectual, desfazendo, por exemplo,



a oposição entre técnicas de estrangeirização e domesticação defendidas por Lawrence Venuti. A poesia de Pound se aproxima das ideias de Walter Benjamin na demonstração de uma alteridade cultural na tradução.

“Translating the Odyssey: Andreas Divus, Old English, and Ezra Pound’s Canto I”, de Massimo Cè, examina a técnica poética do “Canto I”, destacando a opção por adaptar da tradução em latim de Andreas Divus, e não diretamente do original grego de Homero. Seguindo as escolhas lexicais simplificadas de Divus, Pound oferece a seu leitor uma tradução minimalista da *Odisseia*. Cè credita essa ênfase a um desejo de fugir do helenismo vitoriano e edwardiano; ao promover o texto secundário de Divus, Pound assume a secundarização de sua própria persona poética.

Em “To Translate or Not to Translate? Pound’s Prosodic Provocations in Hugh Selwyn Mauberley”, Demetres Tryphonopoulos e Sara Dunton debatem o uso da prosódia para provocar os leitores a navegar pelas referências clássicas em suas alusões. Pound se coloca no texto, convidando o leitor a mergulhar nas referências ao reinventar a narrativa para o século XX. As passagens exibem a habilidade de Pound para “ressuscitar a arte morta” da poesia nas explicações das alusões.

“Ringin’ True: Poundian Translation and Poetic Music”, de Michael Coyle, expõe Pound como um tradutor que leva o leitor a vivenciar o impacto do original. Para Pound, os clássicos possibilitam recuperar a materialidade de um passado extinto. A observação do Pound tradutor permite a compreensão de que a tradução é um elemento central de sua prática poética.

Na Parte II (“H.D.’s Translations of Euripides: Genre, Form, Lexicon”), “Translation as Mythopoesis: H.D.’s Helen in Egypt as Meta-palinode”, de Anna Fyta, explora o uso da *Helena* de Eurípides para a criação do poema “Helen in Egypt”. Como um canto de retratação e um mosaico poético de múltiplas formas, “Helen in Egypt” se caracteriza como palinódia e palimpsesto. A complexidade de vozes no texto é um coral interno de vários “eus” em fragmentos narrativos polifônicos. H.D. utiliza os escritos visionários de Eurípides para traduzir o encontro único da poesia com a filosofia.

Em “Repression, Renewal and ‘The Race of Women’ in H.D.’s Ion”, Jeffrey Westover discute a tradução de *Ion* como acusação do domínio misógino, apontando a agenda feminista nas traduções de H.D. À luz da psicanálise freudiana, o trabalho com a peça pode ser visto como uma crítica implícita à ênfase de Freud no mito de Édipo, exibindo aceitação e reconhecimento mútuo entre mãe e filho.

“Braving the Elements: H.D. and Jeffers”, de Catherine Theis, inquire afinidades entre o misticismo em H.D. e o sagrado em Robinson Jeffers através das paisagens euripidianas materiais e místicas. As traduções de H.D. são uma experimentação estilística radical e criam paisagens que ela própria habita como *performer*. H.D. e Jeffers são “contramodernistas”, atuando em paralelo ao modernismo tradicional e desestabilizando a prática literária convencional.

“Reinventing Eros: H.D.’s Translation of Euripides’ Hippolytus”, de Miranda Hickman e Lynn Kozak, destaca a escolha do *Hipólito* de Eurípides. *Choruses from the Hippolytus* parece ser um trabalho cultural voltado para a exploração do desejo erótico. H.D. se interessa pelo *eros* no pensamento feminista, e suas escolhas tradutórias fazem uma crítica ao *eros* dominante no *Hipólito*.

Alinhada ao feminismo, H.D. omite o puritanismo e misoginia de Eurípides e insere o empoderamento feminino, inclusive com o desejo entre mulheres.

Em “H.D. and Euripides: Ghostly Summoning”, Eileen Gregory debate a recepção clássica de H.D. e sua afinidade com a noção de tempo e antiguidade. Em tom positivo, Gregory celebra que os textos sobre os trabalhos clássicos de H.D. explorem questões essenciais para a autora: o experimento poético e a atividade tradutória em seu frescor e radicalismo.

Na Parte III (“Modernist Translation and Political Attunements”), Anett K. Jessop traz “‘Untranslatable’ Women: Laura Riding’s Classical Modernist Fiction”, em que discute a prosa de Riding pelo viés feminista em relação com clássicos de escritoras modernistas. Através da ficção, da prosa e do prosaico, Riding imagina o passado por experiências domesticadas, reconfigura e amplia o escopo de personagens femininas marginais e obscuras da antiguidade. Ao seguir o modelo de rebeldia e independência no feminino, Riding cria um modo alternativo de crítica cultural e social.

“Lost and Found in Translation: The Genesis of Modernism’s Siren Songs”, de Leah Flack, debate a preocupação política com a devastação da guerra pela invocação das Sereias em *Ulysses*, de James Joyce, e *The Waste Land*, de T.S.Eliot. O envolvimento de Joyce e Eliot com as Sereias em suas obras anuncia uma visão alternativa do modernismo clássico, respondendo à guerra como catástrofe cultural e humana. Joyce usou as Sereias para dramatizar o fascínio prejudicial do nacionalismo no imaginário irlandês do século XX. Para Eliot, as Sereias foram instrumentais na representação do confronto da mente moderna com a experiência pós-guerra. As Sereias ajudaram os escritores modernistas a articularem um modelo de poesia sintonizado com a história.

“Trying to Read Aristophane: Sweeney Agonistes, Reception and Ritual”, de Matthias Somers, foca na peça inacabada de T.S. Eliot como recepção modernista da comédia aristofânica. Eliot não seria um candidato a “Aristófanes moderno” com sua sátira mordaz e piadas obscenas, já que sua obra é considerada séria. A tradução não é rigorosa, adequando-se como transposição ou reatualização de um gênero antigo. A opção pelo melodrama ilustra a importância da música e ritmo no drama poético. *Sweeney Agonistes* foi o primeiro esforço de reinvenção de um drama poético para o palco moderno, adaptando a cultura moderna a uma forma clássica distante.

“Straight Talk, Straight as the Greek!': Ireland’s Oedipus and the Modernism of W.B. Yeats”, de Gregory Baker, explora a relação de Yeats com o *Édipo* de Sófocles na interseção entre a estética grega e a política nacionalista. O crescente interesse de Yeats pela antiguidade grega transformou radicalmente seu estilo e política. Yeats enaltecia a liberdade artística dos gregos; surgiu o desejo de encenar *Oedipus Rex* na Irlanda, com modificações no estilo por motivos políticos. Baker destaca o posicionamento de Yeats quando a peça foi produzida, passando de tragédia à comédia satírica.

Em “Modernist Translations and Political Attunements”, Nancy Worman destaca ângulos políticos distintos: Jessop e Flack em posicionamento político direto; Somers em uma noção social; Baker em uma ótica estética. Worman aprofunda a discussão política, expõe desdobramentos das estratégias e imagens para onde cada autor se direcionou, e trata do ajuste fino político e estético dos escritores modernistas quanto à revisitação e uso da estética clássica.

“Modernist Migrations, Pedagogical Arenas: Translating Modernist Reception in the Classroom and Gallery”, de Marsha Bryant e Mary Ann Eaverly, sugere inovações no ensino do modernismo e dos clássicos, expandindo o processo de tradução para além da língua e literatura. Através das “convergências clássicas”, as autoras põem obras de arte em diálogo com a literatura dentro e fora da escola, com o museu como local de aprendizagem.

No posfácio “Modernism Going Forward”, J. Alison Rosenblitt destaca o objetivo principal da obra de enriquecer o estudo da recepção clássica e do modernismo, alcançando acadêmicos do pós-moderno e dos estudos contemporâneos. Ao observar a pluralidade deste volume em seus múltiplos modernismos, é possível ampliar caminhos futuros, tornando os modos de recepção modernista acessíveis aos estudos pós-modernistas e contemporâneos.

Com ampla perspectiva temática e cronologia da produção modernista engajada com os clássicos, esta obra apresenta o uso da tradução como fomento da renovação cultural, política e literária por relevantes autores e obras modernistas. Para leitores com experiência ou conhecimento sobre os clássicos e o movimento modernista, a obra traz um panorama da reconfiguração inovadora dos textos clássicos pelos autores modernistas como crítica cultural e apelo estético.

REFERÊNCIA

HICKMAN, Miranda; KOZAK, Lynn (Orgs.). **The Classics in Modernist Translation**. London: Bloomsbury Academic, 2019. 270 p.